

Episódio 19: Sismar sobre o filme missões humanitárias com Pedro Queirós

[Separador musical]

Alexandra Carvalho (AC): Olá, bem-vindos a mais um episódio do ‘Sismar’. E hoje vamos ‘sismar’ sobre missões humanitárias e como uma tragédia pode de facto dar um sentido à nossa vida.

AC: Eu sou a Alexandra Carvalho.

Mónica Amaral Ferreira (MAF): Eu sou Mónica Amaral Ferreira.

AC: O nosso convidado é o Pedro Queiroz. Já eventualmente ouviram falar nele? O Pedro correu 50 maratonas em 50 dias e alia o desporto a missões humanitárias. Pedro, bom dia. Obrigada por teres aceitado o nosso convite. Explica-nos lá como é que este sentido de missão apareceu na tua vida e como é que esta tua missão está ligada a um sismo. Explica-nos lá como é que isto.

Pedro Queirós (PQ): Precisamente. Olá, Mónica. Olá, Alexandra. Olá a todos os que nos estão a ouvir. Fico muito honrado por estar aqui a termos esta conversa e vocês acharem que eu tenha alguma coisa interessante para dizer. Como disseste, e bem, eu estive presente num grande terremoto que ocorreu—vai fazer 10 anos no próximo ano. Foi muito badalado na altura, no dia 25 de abril de 2015, a terra tremeu em Catmandu, um sismo de 7.9 na escala de Richter. Eu, na altura, estava a meio de uma viagem de mochila às costas pela Ásia. Digamos que estava entre trabalhos. Eu formei-me em gestão pela Universidade Católica no ano de 2003. Sou um português de gema, sou um lisboeta, nascido e criado. A minha família é ali da Beira Alta, mas nós já crescemos todos aqui em Lisboa. Quando me formei, trabalhei em várias multinacionais, em várias empresas, mas por volta dos 30 anos, decidi mudar para a agricultura porque achei que o país precisa de mais agricultores.

AC: Mas o que que é isso, mudar para agricultura?

PQ: Uma segunda licenciatura. Fui para Inglaterra para o Royal Agricultural College, que é uma das melhores instituições a nível mundial, porque eu queria trazer o melhor ‘know-how’ em termos de produção animal, de produção vegetal, porque eu não tinha qualquer ‘background’ em agricultura. O meu objetivo seria comprar uma propriedade algures pelo Alentejo ou nas Beiras, iniciar um negócio, seja de vinha, ou de olival, ou de cortiça, ou de vacas, ou de ovelhas, ou de leite. O que eu gostava era de ter uma vida mais ligada à natureza e ao ar livre, mas, obviamente, que era necessário pagar as contas, por isso eu queria fazer isto numa ótica de negócio. Quando eu fui estudar agricultura, decidi que tinha que ir trabalhar para outros países para ganhar conhecimento e experiência, porque vocês, imaginem, que na sala de aula correu tudo bem. Eu tinha excelentes notas, mas quando eu fui trabalhar para o campo, para as quintas, eu deixava fugir os animais, fazia imensos disparates, deixava cair os fardos de palha todos, as cercas elétricas... estava sempre a apanhar choques elétricos. E então, o que eu comecei a perceber é que esta experiência com as mãos era muito, muito importante. E fui trabalhar, imaginem, para a Argentina, para a Pampa Argentina, fui trabalhar para a Austrália e fui também para o Vietname porque queria ver os campos de arroz. Nós também temos uma fileira de arroz.

AC: Foste para as quintas?

PQ: Fui para as quintas, não recebia qualquer ordenado, mas davam-me teto e comida. E, nestas viagens todas, houve várias coisas que começaram a acontecer, que foi eu comecei a experienciar um desenvolvimento pessoal sem precedentes. Eu estava muito ligado à parte da gestão e dos escritórios e dos negócios. Imaginem, isso acaba por nos consumir um pouco porque são muitas horas de trabalho diário, muito stress. Mas, eu, quando faço estas viagens, eu começo, por exemplo, a tocar piano e começo a pintar. Já vão perceber porque é que eu falo sobre isto, porque quando eu fiz essa viagem em 2015 que me levou ao terremoto do Nepal, houve várias coisas que aconteceram. E essa viagem não foi a viagem de uma vida, mas foi a viagem de 100 vidas, eu costumo dizer isto porque, no primeiro dia dessa viagem, eu estava no Vietname, em Ha Long Bay, que é um sítio lá muito conhecido, muito turístico, é um conjunto de ilhas que estão milhares de turistas todos os dias e centenas de barcos. Eu entrei num barco, era o meu primeiro dia de viagem e, naquele barco, eu vi a mulher mais bonita que eu já tinha visto em toda a minha vida. Ela começou a olhar para mim, eu nem queria acreditar. Estávamos um bocado tímidos, mas eu tive a coragem e a audácia de fazer um desenho dela porque tinha começado a pintar. Eu, que nunca tinha feito um desenho na vida, exceto quando era mais miúdo, mas depois a vida... Eu fiz esse desenho dela, mostrei-lhe o desenho e, hoje em dia, estamos casados. Ela chama-se Ghazal, é do Irão, nós moramos em Teerão. Hoje em dia, temos um filho chamado Vicente, que tem 6 anos e tudo aquilo que nós vamos falar a seguir é só possível porque esta mulher é a mulher dos meus sonhos, é fantástica e tem sido de facto o pilar de tudo aquilo que eu tenho conseguido concretizar.

AC: Imagino que, para conseguires concretizar tudo o que tens feito, precisas de facto de um grande apoio familiar e de alguém por trás que te compreenda muito bem.

PQ: Isso é a base de tudo, Alexandra, mas nessa viagem, tal como eu estava a dizer, foi essa questão de ter conhecido a mulher da minha vida e, depois, eu sempre tive o sonho de ver o Everest. Cheguei ao Nepal no dia 24 de abril de 2015 e, no dia 25, na véspera, cheguei à noite e, no dia 25 de manhã, houve um terremoto de 7.9 na escala de Richter.

AC: Já agora, o Nepal está numa zona de fronteira de placas, é uma zona em que a placa indiana está a ir para baixo da placa euroasiática e estes sismos, no caso concreto do Nepal, podem ser muito devastadores porque ocupam uma grande área depois à superfície.

MAF: Até o sismo que... que sentiste? Que vocês sentiram foi a 85 km de Kathmandu, que era onde tu estavas, portanto, aquilo o epicentro foi em Gorca.

PQ: Foi muito perto, muito.

MAF: Portanto, 85 km, estás a ver... Vitimou cerca de 9.000 pessoas e centenas de desalojados.

PQ: O sismo ocorreu às 11:56 da manhã, num sábado, o que foi bom porque não havia tantas crianças dentro das escolas. Isto é fundamental referir porque, senão, a tragédia podia ter sido muito maior. E demorou cerca de 90 a 120 segundos. As ondas sísmicas que se faziam sentir ali pelo chão foram super violentas e, algo que vocês podem explicar aqui melhor: um conceito que eu não conhecia antes, nós temos o epicentro e temos o hipocentro, que é a profundidade, e que, neste caso, foi—apenas digo eu entre aspas—de 15 km.

AC: Que foi superficial, lá está.

MAF: Voltando, ocorreu o sismo e, perante a dimensão da tragédia, decidiste lá ficar e ajudar, não é?

PQ: Aquilo que aconteceu foi que...

MAF: Sentiste o sismo? Já agora, claro...

PQ: Se senti o sismo...!?

MAF:...o que é que aconteceu naquele momento?

PQ: Se senti o sismo...!? (risos)

MAF: Eu sei que sentiste, mas agora... (risos)

MAF: Como é que foi? Onde é que estavas? Ao ar livre, dentro de casa?

PQ: O sismo... Eu vou tentar explicar muito brevemente essa parte, porque acho que é importante, é uma excelente pergunta. Eu cheguei no dia anterior muito tarde, estava muito cansado, e fomos instalar-nos num pequeno hotel que fica numa zona de construção muito duvidosa. Estamos a falar de Kathmandu, portanto, edifícios ali um bocadinho precários. Estava com um amigo português, instalámo-nos, estávamos num segundo piso, e confesso-vos que, nos primeiros instantes, pensei que fosse ou uma picareta ali ao lado ou um camião a passar na rua ou algo assim. Isto foi no primeiro segundo, porque eu nunca tinha vivido algo semelhante, mas passados dois ou três segundos foi impossível não compreender o que estava a acontecer.

AC: Estava tudo a desabar, não é?

PQ: Porque foram várias coisas ao mesmo tempo. O chão parecia literalmente gelatina, porque as ondas sísmicas eram um género de altos e baixos.

MAF: Sentias um ondular?

AC: Sentiste mesmo uma ondulação?

PQ: Sim, sim, muita ondulação. Não sei como se chama este efeito.

MAF: Nem conseguiam estar de pé? Ou conseguiam manter-se de pé?

PQ: Claramente nos estava a empurrar em todas as direcções. O prédio abanava como uma bailarina, como um louco com uma camisa de forças a tentar-se desprender, porque foi muito, muito violento, e nunca mais parava. Tive dois instintos principais: um foi ir para baixo da ombreira da porta — e em muitas das vilas que visitámos posteriormente, com casas em ruínas, a única coisa que ficou foi a ombreira da porta. Por isso, o que nos ensinam na primeira classe, na segunda classe e no ciclo preparatório, em Portugal, é verdade: vão para baixo das ombreiras e das mesas, etc. E depois também pensei, não sei porquê, em atirar-me pela janela. Isto é completamente errado, penso eu, mas lembrei-me que o prédio podia cair de cima para baixo e pensei: é melhor partir uma perna do que ficar esmagado. Mas o som...

MAF: Em que piso é que estavas?

PQ: No segundo piso. O som é algo que nunca mais me vou esquecer: o ferro a contorcer-se, os vidros a partirem-se, as pessoas aos gritos, a madeira tipo quebra-nozes, tudo ao mesmo tempo. O ruído e a sensação física foram algo muito, muito violentos. Saímos para a rua mal o sismo terminou e aí foi quando vimos a proporção: prédios completamente desabados, pessoas debaixo dos escombros, inundações, pequenos incêndios... E depois, tudo aquilo de que quiserem falar: réplicas, interrupção de circuitos económicos, lojas a fechar, desespero, sede, fome. Nessa primeira noite, fomos dormir para um parque sem termos nada, só a roupa que tínhamos no corpo. Estávamos acampados no chão, sem tenda, mas a dormir, género, num Parque Eduardo VII, com milhares de pessoas à nossa volta, que faziam pequenas fogueiras. Este é um conselho fundamental: ir para espaços abertos nessas primeiras 24 horas. Estava tão cansado, mas sentia as réplicas a passar-me pelo corpo todo enquanto estava deitado na relva. Imaginem o que é estar tão cansado e já nem ligar às réplicas. Foi muito, muito dramático. Mas é daqui que nasce... nós, perante a tragédia, o que fizemos foi iniciar uma missão humanitária, que dura até aos dias de hoje.

AC: Já vamos falar nisso. Deixa-me só voltar então ao Nepal. Falaste com pessoas depois disso e elas têm consciência sísmica, porque vivem naquele local. Elas sabiam o que fazer? Estavam preparadas? Isto já lhes tinha acontecido antes, não com estas proporções tão elevadas, eventualmente, mas já tinham experienciado sismos? Portanto, vivem com alguma consciência, com alguma naturalidade, estes episódios?

PQ: Sim, sim, e é muito curioso, não só no Nepal, que, como referiste, está na junção de duas placas tectónicas. Eu também estive, mais recentemente, a correr o tal projeto das 50 maratonas em 50 dias no Japão, que também, se não me engano, está sobre quatro placas. As pessoas que moram nestes países têm uma grande consciência sísmica. Ou seja, todos os meios de comunicação, a Proteção Civil, as autoridades, há muitas campanhas proativas e reativas, e as seguradoras já estão preparadas para atuar.

AC: Está sempre presente na vida deles?

PQ: Exatamente, é algo praticamente diário.

MAF: Mas aqui temos os opostos, não é? O Japão consegue ser bastante resiliente...

PQ: Um país do primeiro mundo.

MAF: E o Nepal, infelizmente...

PQ: Tem uma habitação vulnerável.

MAF: Muito vulnerável.

PQ: É uma estrutura completamente diferente.

MAF: Auto-construção, sem projetos, ou construções em adobe, com materiais de terra.

PQ: Ainda estamos a reconstruir o país, e digo “estamos” porque faço parte dessa reconstrução com muito orgulho.

MAF: E então, depois do sismo, sei que tu e o teu amigo decidiram ajudar, alimentar, não é?

PQ: Sim. Vivemos situações de puro pânico, porque não tínhamos cartão SIM, nem telemóvel, nem dinheiro nepalês, numa cidade em que nunca tínhamos estado. Imaginem... E nesse primeiro dia, começo a tirar várias fotografias que vieram a ter muito sucesso depois, pela internet e nos meios de comunicação. E aproveitámos toda essa exposição. Então, dois dias após o sismo, faço um post nas redes sociais — que não eram o que são hoje, não havia influencers e essas coisas, mas já havia muita popularidade em 2015 — e digo assim: “Enquanto não conseguirmos sair do país, vamos ajudar aquelas pessoas que vimos abandonadas”, porque a catástrofe humanitária estava a alastrar-se. Existe toda aquela questão estrutural de prédios que caem, etc., existem as mortes, existe ali um período de 72 horas para retirar os corpos dos escombros. Mas existe — e não sei se já falaram aqui neste podcast, mas seria muito importante refletir um dia sobre a catástrofe...

MAF: A disfunção?

PQ: A calamidade... as doenças, as ratazanas, os esgotos, o lixo, os corpos em decomposição... É muito, muito complicado, e nós presenciámos tudo isso. E, dado que estávamos à espera de uma resposta da embaixada de Portugal, a tentar arranjar um voo — porque, mais em cima disto tudo, havia uma racha na pista do aeroporto de Kathmandu —, a ajuda humanitária e os voos comerciais tinham muita dificuldade. E, como Kathmandu fica num vale onde houve vários deslizamentos, estávamos presos. Então, decidimos fazer esse post no Facebook: “Esta é a nossa conta pessoal, vamos para o parque da cidade ajudar”. A nossa primeira compra foram 200 bananas e 50 kg de arroz. Na compra seguinte, quando chegámos ao parque, fomos “engolidos”, pareciam piranhas atrás de nós, porque as pessoas estavam esfomeadas e sedentas.

MAF: Claro, os meios não conseguiam lá chegar.

PQ: Precisamente. Encontrámos uma loja aberta nesse dia, ainda voltámos mais três ou quatro vezes às compras, sempre a aumentar as quantidades. Só para terem uma ideia, uma semana depois já andávamos num helicóptero das Nações Unidas, porque eles ligaram-nos a dizer: “Nós temos os helicópteros, só não temos a comida.” Sentados em toneladas de arroz.

AC: Impressionante.

PQ: Mónica, Alexandra e os nossos ouvintes, com as nossas próprias mãos, e com a ajuda de voluntários e parceiros locais — porque isto não foi o Pedro ou o Carlos ou o Vítor, não, foi muita gente a ajudar, foi um movimento de pessoas para pessoas —, a tal tragédia deu origem à entreatajuda, à empatia, ao trabalho humanitário, que dura até aos dias de hoje. E começámos pela ajuda humanitária nas primeiras quatro semanas; estimamos ter ajudado 50.000 pessoas. E quando digo ajudar, foi salvar vidas, porque chegávamos a vilas perdidas nos Himalaias, em que éramos as primeiras pessoas a chegar. As pessoas vinham a correr, a chorar, a abraçar-nos, e a dar-nos coroas de flores. Às vezes, entrava em tendas — os chamados abrigos temporários, que depois também podemos falar sobre isso, ganhei muito conhecimento sobre o que é um processo de reconstrução ou de ajuda imediata. Há que ter muito cuidado, há que perceber o que é temporário, o que é permanente, etc., como reconstruir, como o nosso Marquês de Pombal fez, por exemplo —, mas às vezes entrava em tendas onde estavam nove ou dez pessoas num espaço de 5 ou 6 metros quadrados, com as cabras e com as vacas. Tudo aquilo fez-me ultrapassar uma linha, fez-me perder algo e

ganhar algo que dura até aos dias de hoje. Porque foi muito, muito violento em termos de personalidade, porque assistir a toda aquela tragédia muda um ser humano.

AC: Certo, é impossível ficar indiferente.

PQ: E por isso é que, nove anos depois, mesmo com casamento, um filho e muitos projetos profissionais — e já vamos perceber porque é que vivo todas estas aventuras, penso que seja a vossa próxima pergunta —, não consigo dizer que não àquelas pessoas. Tanto que uma das frases que me marca desde essa altura eram as crianças. Quando íamos dar comida, chegavam até nós, crianças muito pequeninas, meninas e meninos, que nos puxavam pela camisola e diziam: “Pedro, Pedro, Pedro, vocês voltam amanhã? Vocês voltam amanhã?”

MAF: Temos que voltar.

PQ: E esse “voltar amanhã”, e “ontem” e “hoje” e “sempre”, não só para estes miúdos, mas para os nossos trabalhos, para as promessas que fazemos, para os nossos filhos, para os nossos pais... É isso que se está a perder hoje em dia. Tudo é muito rápido, tudo consumido de forma muito descartável. E penso que esta missão humanitária — mais uma vez, estou envolvido, mas são muitas, muitas pessoas, são centenas de pessoas, e vocês também fazem parte dela agora (risos) —, portanto, não se livram dela, tem este condão de sustentabilidade. “Vocês voltam amanhã?” “Sim, voltamos.”

AC: Então, têm um projeto maior, com maior prazo? Ou seja, além da sobrevivência das pessoas e da alimentação, têm um projeto de reconstrução? Porque é preciso também reconstruir aquelas casas, certo? Aquelas cidades...

PQ: O que aconteceu foi que — e penso que este seja um ciclo normal, mesmo se acontecer um terramoto em Portugal, nos Estados Unidos, ou onde for —, existe sempre um período inicial que é a recuperação de corpos, eventuais sobreviventes. Depois, aquilo que se chama a ajuda imediata: perceber onde é que há necessidades de cobertores e alimentação, a própria hidratação, porque pode faltar água. E depois, aquilo que se começa a falar..,

MAF:...A limpeza.

PQ: As limpezas, portanto...

MAF: A destruição...

PQ: Exatamente.

MAF: As demolições para depois começar...

PQ: A tal calamidade, não é? As ratazanas e os esgotos a céu aberto, e as pessoas a fazerem necessidades ali nos parques. Eu assisti a tudo isto, mas aquilo de que se começa a falar três ou quatro semanas depois é a reconstrução. E existe aqui todo um conjunto de setores que têm que se interligar: o setor público, o setor privado, as seguradoras, e no Nepal, sendo um país muito corrupto e muito pobre, isto ganha ainda mais sentido, mais importância, porque há que fazer reconstrução para os próximos sismos. Diz-se muito — há um ditado lá que já ouvi de várias fontes, e que não tem validade científica, penso —, podes-me dizer tu, Alexandra, que é: vai haver um grande sismo de 80 em 80 anos. É o que eles dizem: de 80

em 80 anos a terra liberta a pressão. E curiosamente, o último foi há 80, o penúltimo foi há 160... Pronto, não sei se isto é verdade ou não.

MAF: 1934.

AC: É uma estatística, aí...

PQ: Mas... começam também a surgir...

AC: É o que chamamos de período de retorno.

PQ: E aquilo que se começa a falar, então, é: quais são os fundos para a reconstrução, os tipos de habitação, e como é que vamos fazer isto? Mas eu assisti a coisas que vocês nem imaginam, de agências humanitárias que diziam que só reconstruiriam aquelas vilas se batizassem todas as crianças, por exemplo. Porque aquilo é um país hindu e budista, e vêm ONGs que são mais direcionadas para o Ocidente, para a parte cristã. Depois... depois ouvi falar disto, e isto parte-me o coração: de crianças que desapareceram no meio do sismo, que não se encontram os cadáveres. Há pessoas que se mascaram de ajudantes humanitários, ou o que for, para raptar as crianças. Tráfico humano, e tudo o mais. Portanto, não vamos entrar por essa parte, é um drama, é um drama.

MAF: Há as pilhagens, é um grande drama, sim...

PQ: As pilhagens, e tudo o mais. Agora, a nossa missão, que se chamou “Obrigado de Portugal, Nós também somos Nepal”, o tal “vocês voltam amanhã”, nós demos comida durante quatro semanas. E depois, com alguns voluntários que também surgiram por iniciativa própria — uns eram médicos, outros eram arquitetos, outros eram engenheiros —, fizemos um projeto para reconstruir uma vila inteira, que foram 22 casas. E era aquilo que nós chamávamos uma casa semi-permanente, porque era temporária, mas permitia expansão futura, pois já tinha fundações de ferro e de betão.

AC: Portanto, não reconstruíram de acordo com a tipologia da região, com os materiais, mas já tiveram uma preocupação maior?

PQ: Não. Reconstruímos com os materiais e segundo as tradições locais.

AC: Mas já com um reforço?

PQ: Sem nos impormos e interferirmos, mas demos-lhes seis fundações. Na altura, com os materiais locais — que era o bambu, principalmente, e a madeira —, forrámos as paredes, fizemos as janelas, e fizemos as portas, num esforço conjunto e notável entre os voluntários de Portugal, Espanha, França e Brasil. Homens, mulheres, mais velhos, mais novos, e os próprios habitantes.

AC: Mas também com o sentido de reforçar, diminuir a vulnerabilidade daquelas construções?

PQ: Claro. Aquelas pessoas estavam a dormir em abrigos temporários, em tendas, e não tinham esperança nenhuma. Mas agora, vocês que estão aqui ao meu lado, os nossos ouvintes, imaginem o que é chegar um português com uma bandeira de Portugal e do Nepal

e dizer assim: “Nós vamos reconstruir a vossa aldeia. Juntem-se à nossa volta, peguem nas pás, na areia, na gravilha e no cimento.” Isto foi um esforço de construção civil brutal.

MAF: Mas tiveram que dar formação, não é, para não cometer os mesmos erros?

PQ: Tivemos que dar formação, sobretudo sobre como usar as ferramentas, sobre a segurança no trabalho, e mais, e mais. Este foi apenas o primeiro projeto, porque um dos grandes projetos que nos surgiu, enquanto dávamos comida e construíamos casas, foi que encontramos uma população de 350 sherpas, que são a etnia que habita os Himalaias, que foram evacuados de emergência para Kathmandu, para também um parque, só com as roupas que tinham no corpo. Crianças e pessoas idosas, que nunca tinham vindo à cidade, foram despejadas ali. E nós, mais uma vez, com o esforço de muita gente, num campo de futebol pelado, fizemos um campo de refugiados, com cozinha, sala de aula, tenda médica... Nasceu um bebé lá no campo, tínhamos uma mascote, havia casas de banho, e duches. E nós coordenámos isto tudo com os donativos que foram dados pelos portugueses, atenção. E estas pessoas viveram neste campo durante anos. Depois, tivemos um projeto chamado “Our Dream Village” — a nossa Vila de Sonho —, em que reconstruímos sete aldeias, 96 casas. Aí sim, casas permanentes, já com paredes de tijolo, com muitas preocupações sísmicas, obviamente, e... fizemos um estudo geológico profundo.

AC: Portanto, construir melhor, fazer melhor?

MAF: Pois, a geologia, tem... os solos...

PQ: Mónica e Alexandra, nós fomos ver as inclinações, portanto, onde é que era seguro construir, se tinha *bedrock*, como é que era o solo dali. E, nem por acaso, estas cheias que ocorreram agora — não sei se viram a notícia hoje, ou há dois, três dias — deslizamentos de terras enormes, e as nossas 96 casas continuam de pé.

MAF: São resilientes.

PQ: E estou muito, muito orgulhoso disto.

MAF: Isso é que é resiliência. (risos)

PQ: Portanto, esta reconstrução... estivemos muito ativos, ainda há um projeto aqui e ali, mas aquilo em que estou focado mais hoje em dia é na educação. Continuo a reconstruir, às vezes — ainda há dois anos fiz mais uma casa —, mas o que para mim é o grande legado deste projeto, e aquilo que acredito que pode mudar o mundo para os nossos filhos — e nós já tivemos acesso a isso, felizmente —, é a educação. Continuo a pagar centenas de bolsas de estudo. E como é que arranjo fundos para isso? É o próximo tema que vamos falar aqui.

AC: Exatamente! Conta lá como é que isso se processa.

MAF: É a correr. A correr, caminhar e subir montanhas...

PQ: Então, é o seguinte.

AC: É mais do que isso, não é? Correr e caminhar chama a atenção, mas queremos mais do que isso, não é? Queremos que isso se traduza numa coisa muito concreta, que é fundos suficientes para mudar o mundo.

PQ: É verdade. O que eu comecei a perceber foi — e assistimos muito a isto — que hoje em dia o que temos são as chamadas, o que eu chamo, tragédias descartáveis. Há incêndios em Portugal, nos primeiros dias há muita ajuda aos bombeiros, e os famosos fazem os seus hashtags, ajuda e tal. Uma semana depois, já ninguém fala sobre os incêndios. Já para não falar um mês ou dois meses depois. Isto aconteceu com o sismo na Turquia, ou com o tsunami. E isto é dramático. Porquê? Porque lá no terreno a tragédia mantém-se. E isto faz muita, muita confusão. E eu, que vivi toda aquela tragédia, que fiz promessas àquelas crianças, não podia abandoná-las. E como já ninguém se preocupava com o Nepal, a forma que arranjei para recolher fundos, sempre numa ótica de trabalho voluntário — todos os fundos que recolho são 100% aplicados nos projetos —, eu tenho o meu trabalho, tenho os meus rendimentos, as minhas viagens, a minha comida quando vou ao Nepal, é tudo pago por mim. Mas o que eu faço é recolher fundos pela internet, pelo Facebook e pelo Instagram, principalmente, e faço através daquilo que chamo de "aventuras humanitárias". Não fui eu que inventei isto, mas já sou um especialista hoje em dia. Porque aquilo que comecei a fazer foi uma fórmula de sonho, que surge um bocadinho por acaso: decidi juntar a minha paixão pelo desporto, a minha vontade de me superar, de viajar e de viver grandes aventuras, com a ajuda humanitária. Portanto, vivo grandes projetos pelo mundo inteiro — já vamos ver alguns exemplos — e faço recolha de fundos ao mesmo tempo. E a minha comunidade de família e amigos identifica-se bastante com isto. Por exemplo, a minha grande primeira aventura humanitária foi em 2017, dois anos após o sismo. E eu, num ato de loucura total, pego numa mochila de 10 kg, um pau de bambu, e fui a pé, sozinho, desde o Taj Mahal, na Índia, até à porta do tal Campo Esperança, em Kathmandu. 1200 km a pé pelo meio da Índia.

AC: Mas como é que isso ajudou o teu propósito? Isto é mais do que um desafio pessoal, não é? É com um intuito.

PQ: É com um intuito, que é: eu faço a minha caminhada, falo sobre as minhas dificuldades, o meu sofrimento, as minhas alegrias, mostro a gastronomia, a cultura local, e faço recolha de fundos ao mesmo tempo. Aquilo que digo é o seguinte: se eu me posso superar, portanto, vocês também conseguem alcançar os vossos sonhos e ajudem-me a ajudar. Isto é um bocadinho criar aqui uma empatia, de pessoas a colocarem-se no lugar de outras pessoas.

AC: Mas tu consegues isso com posts diários nessa tua viagem?

PQ: Exatamente. Eu faço posts diários.

MAF: Não com os locais. Por exemplo, na Índia, se foste ter com alguma entidade para ajudar ou se foi sempre...

PQ: É sempre para o Nepal, essa é a minha causa.

MAF: Eu sei, eu sei. Mas se foste, se encontraste com alguém ou com uma entidade com o propósito de ajudar o Nepal e eles poderiam ou não ter financiado?

PQ: É isso que acontece. Isto é completamente mágico, vou tentar explicar. Nesta primeira aventura, por exemplo, eu disse assim: vou caminhar 1200 km com o objetivo de reconstruir uma daquelas casas que fizemos lá nos Himalaias, as 96 casas. Cada casa custava à volta de 8000. Ok, começo a fazer a caminhada, e chegamos aos 7000. Portanto, com esta

caminhada eu transformo sacrifício — porque perdi muitos quilos, fui atacado por cães, tive bolhas nos pés, foi muito difícil caminhar pela Índia...

MAF: Sempre sozinho?

PQ: Sempre sozinho. E foi a Índia pura e dura, de vacas e macacos e cobras e elefantes. E aquilo que me propus a fazer — já fiz mais tarde, acabei por subir ao Evereste e correr maratonas —, o que faço é transformar o sacrifício, o sonho e a superação em tijolos e pão. Porque aquilo que proponho sempre é: eu faço este esforço, vivo os meus sonhos — desde miúdo que sempre quis viver grandes aventuras, ir aos castelos deste mundo, às pirâmides no Egito e conhecer o mundo — e ajudo os outros ao mesmo tempo. Faço tudo de forma muito transparente. Recolho os fundos e depois digo: nós conseguimos este valor ao cêntimo, é aqui que vai ser aplicado.

AC: Olha, mas isso também não é um bocadinho... não está aí um bocadinho de loucura misturada?

PQ: Totalmente.

AC: Tu vais conseguir fazer isso tudo, as pessoas vão ajudar na mesma, se não estiveres sozinho, se tiveres um companheiro de viagem, porque pode realmente acontecer qualquer coisa. Podes desmaiar, podes ter um problema...

MAF: Uma doença.

AC:...e não conseguir andar, podes não conseguir andar e estás sozinho.

PQ: Vamos, vamos então entrar... vamos então entrar aqui num ponto fundamental, que se aplica para os sismos, que se aplica para a nossa vida pessoal, profissional, família, tudo e mais alguma coisa, que é: se nós temos um sonho...

MAF: Temos que ir atrás dele.

PQ: Se nós temos um sonho, temos que nos transformar na pessoa capaz de viver esse sonho, de concretizar esse sonho.

AC: Mas podemos ter ajuda.

PQ: E eu faço tudo com muita preparação, com muito conhecimento. Tenho equipas de atletismo, tenho um guia que me levou ao topo do Monte Evereste. Portanto, quando digo que faço sozinho, às vezes, estas coisas, essa caminhada, por exemplo, pode ser sozinho fisicamente, Alexandra, mas eu caminho com a força, as preces e as orações, e as mensagens de centenas e milhares de pessoas. Acredita nisto, porque eu passo muitas dificuldades.

AC: Portanto, não estás sozinho na realidade. Não te sentes sozinho e não estás sozinho.

PQ: Um homem que corre 50 maratonas em 50 dias... E tu esqueceste de mencionar que foi no Japão, sozinho, com uma mochila de 3 kg às costas, sem apoio logístico, a ir aos hospitais e às farmácias, sem saber onde ia dormir. Mas isto só é possível com um grande apoio da minha comunidade, porque a parte física, à terceira, quarta maratona, foi ao ar. Portanto,

eu já não tinha joelhos, nem ligamentos, e tive uma lesão no tendão de Aquiles, que ainda sofro hoje em dia. Mas o nosso corpo é matéria em decomposição, portanto, está-se a perder. O que eu faço — e isto, se calhar, dá origem a outro podcast — é seguir muito a força da mente, a paixão, o amor.

AC: Sim, é preciso uma grande sanidade mental, uma força de vontade, eu nem sei...

PQ: E tenho, tenho esta força dos miúdos que dependem de mim. Eu volto lá daqui a duas semanas, por exemplo, e tenho o meu filho, e tenho a minha família, e tenho Portugal. Eu baseio-me muito em Portugal, nesta nossa alma lusitana, esta forma de estar... Isto tudo para mim é uma grande honra, um grande retorno emocional, que traz dor física, que traz loucura, mas foi aquilo que disse há pouco, que é transformar sacrifício em pão. Isto é divino, quase. Estas 50 maratonas que eu fiz agora no Japão, por exemplo, só para vocês terem uma ideia...

MAF: Todos os dias fazias uma maratona, é isso?

PQ: Todos os dias.

MAF: 50 km?

PQ: Sim, 42. Eu recolhi 14.000 €, que foram 7.000 € para alimentar — pela primeira vez decidi também ajudar Portugal, e foi metade do valor para os sem-abrigo em Portugal. Nós distribuímos, com a Comunidade Vida e Paz, 500 refeições durante cerca de 18 dias. Portanto, imaginem, eu corri, esfolei-me todo, e foi uma loucura, como tu dizes, mas ao mesmo tempo conheci o Japão, tive apoio de muita gente, e conseguimos alimentar pessoas que de facto precisam. Com a outra metade, pagámos várias bolsas de estudo — dezenas de bolsas de estudo. Eu consigo pagar os estudos anualmente a um estudante no Nepal com cerca de 200 ou 300 €, e financiámos um centro escolar — a renda e materiais escolares — durante 8 anos. Portanto, há 60 crianças que, devido ao meu esforço, ao vosso esforço e de todos os que ajudaram e partilharam, têm um centro escolar, onde, todos os dias, a seguir à escola, entre as 3 e as 9, enquanto os pais estão a trabalhar, têm um sítio onde ficar, estudar, comer e descansar um bocadinho, graças a este esforço. Percebem? Portanto, isto foi uma fórmula que descobri. Já tenho outras pessoas... Fui almoçar com um rapaz, a semana passada, o Pedro Flores, que vai subir ao Kilimanjaro agora para ajudar o IPO do Porto, e ele queria saber: "Pedro, como é que eu faço? Como é que eu comunico?"

AC: Pois, és uma inspiração.

PQ: Mas as pessoas fazem os seus próprios projetos já, e vocês também podem fazer. Só têm de encontrar a vossa causa.

MAF: Subiste o Monte Evereste também por uma causa, para ajudar.

PQ: É verdade, é verdade. Isso foi uma loucura total. Eu nunca tinha subido uma montanha de 3000 m, de 2000 m.

MAF: E naquelas condições não é fácil.

PQ: Mas eu estive 5 anos a preparar-me, e tornei-me no sexto português a atingir o cume. Fui o primeiro estrangeiro daquela temporada a chegar lá acima, com temperaturas de 40

graus negativos e ventos de 100 km/h. Mas eu cheguei lá acima, e isso foi obviamente uma grande conquista pessoal, mas nesse ano o Everest tem 8846 m e eu queria angariar 8846 €. Chegámos aos 10.000 € e, com esse esforço, pagámos a educação para 25 crianças.

MAF: Fantástico. E quanto tempo é que... O meu filho... Aliás, vou enquadrar: eu conheci o Pedro através de uma visita do Pedro à escola onde estuda o meu filho, que foi falar precisamente disto, e ele ficou fascinado. Chegou a casa e disse: "Mãe, conheci o Pedro, uma pessoa que subiu o Monte Everest e que esteve no sismo do Nepal". Ele ficou mais tocado, se calhar, com a parte do sismo, não é, por causa da minha profissão.

PQ: Claro. As crianças ficam muito impressionadas, sim.

MAF: E ele pergunta: quanto tempo é que demoraste a chegar ao topo do Monte Everest?

PQ: Olha, a expedição total foram 40 dias na montanha, mas eh... existe todo um processo de aclimação que tem que ser feito. Só para chegarmos ao campo base, que fica situado a 5300 m de altitude, foram, para aí, uns 15 dias. Depois, para irmos ao campo um, voltamos para trás, depois vamos ao campo dois... Portanto, estamos sempre a subir e a descer, devido ao ar rarefeito, devido ao facto de haver menos oxigénio disponível. Não existe menos oxigénio, a pressão atmosférica é que é menor, e, portanto, as partículas encontram-se mais separadas umas das outras. Penso que vocês podem explicar melhor essa questão, mas é necessário haver este processo de aclimação e de transportar os mantimentos ao longo da montanha. O Everest não é uma montanha que se suba de uma vez só, é um processo... está-me a faltar a palavra... progressivo, vá. Nós vamos ao campo um, depois vamos ao campo dois, depois voltamos ao campo um outra vez, depois vamos ao campo três, depois voltamos ao campo dois... E depois é necessário esperar por algo chamado a "janela meteorológica", que é quando as condições de vento e de temperaturas nos permitem chegar lá acima. E então, no último trecho... o último trecho... Eu chego aos 8000 m, vejo o Everest lá em cima, faltam 800 m a nível vertical, e esse último trecho foram cerca de 11 horas a caminhar montanha acima, numa tempestade, num local onde já não é possível haver salvamentos de helicóptero, etc. É preciso uma grande força mental para sabermos dosear o entusiasmo, porque é chegar ao topo do mundo, mas é a nossa vida que está em risco. Um passo para cima é um passo mais longe da segurança. E depois de chegar lá acima, foram dois dias ainda para voltar à segurança, ao campo base, porque chegar ao topo é apenas metade do caminho.

MAF: Mas deixa-me só... então tu tens esta preocupação, esta missão, não é? Mas nasceste num país com risco sísmico...

PQ: É verdade. Portugal, 1 de Novembro de 1755, todos sabemos essa data.

MAF: E 26 de agosto... Não sei se estavas cá ou não.

AC: Estavas cá no 26 de agosto?

PQ: Não. Não. "Onde é que estavas no 26 de agosto?" (risos)

MAF: Nasceste em Portugal, que tem risco sísmico, sentiste um grande sismo no Nepal e também vives no Irão, que é um país com grande atividade sísmica.

PQ: Sim. Também já senti bastantes sismos lá.

MAF: Portanto, como é que lidas com isto? Tens preocupação na construção, na escola, se é segura?

PQ: Sim. Tenho a minha mochila em casa.

MAF: Tentas fazer essa educação? Só a mochila já ajuda muito, mas as construções têm que resistir para tu poderes utilizar a tua mochila. (risos)

PQ: Claro. Repara, eh... eu acho que, devido a todos estes projetos, não só a parte sísmica, mas também a parte da montanha e dos elementos, nós somos completamente mínimos face à Mãe Natureza. Portanto, obviamente que tenho essa preocupação de falar com a minha família. Os nossos sogros moram perto de nós. Eu já lhes disse imensas vezes para não usarem o elevador se houver um sismo, irmos para espaços abertos, ter a mochila, termos consciência que as pilhas têm que estar boas ali no rádio, que temos que ter conservas que estejam dentro da validade, ter um cobertor, etc. Mas, para te ser sincero, se calhar vocês podem acrescentar isso; em termos proactivos, eu não sei muito bem aquilo que se possa fazer mais, porque a tragédia, face àquilo que são as expectativas, é gigantesca. O ser humano é mínimo face a um sismo de 7.9 e um eventual tsunami, por exemplo.

MAF: Daí a engenharia, a arquitetura, o planeamento do território, nesta parte da gestão do risco, não é? Mas tens essa preocupação, por exemplo, se a tua casa resiste a um sismo, cá em Portugal, no Irão?

AC: Tens casa cá em Portugal?

PQ: Sim, tenho, e tenho a preocupação. Ainda agora, por exemplo, há pouco tempo falei com o meu gestor de conta...

MAF:...A um sismo de alguma intensidade, não é?

PQ:...de perceber se os meus seguros cobrem, por exemplo, a parte sísmica. Ou seja, tenho preocupações, mas são um bocado mais administrativas, de tentar reagir da melhor forma possível, estar preparado dentro do possível. Mas eu não vos quero desiludir, mas tenho a consciência de que até nos podemos tornar vítimas mortais num evento deste género, porque por mais que nos preparemos, é tão intenso...

AC: Claro, tentemos é minimizar... tentar minimizar.

MAF: Ter construções seguras e equipamentos, como as escolas e os hospitais, não é?

AC: Bem, só para terminar, como é que nós podemos ajudar? Seguindo-te no Instagram? Tens uma conta?

PQ: O que eu faço é tudo feito de forma muito transparente, de forma muito periódica. Duas, três vezes por mês eu dou informações se há projetos a decorrer, os resultados...

AC: Mas onde é que dás isso? No Instagram?

MAF: Diz-nos os sites.

PQ: A minha conta do Facebook é Pedro Queirós, com 's', e do Instagram 'pedro_queiros_projectx'.

AC: Muito bem.

PQ: E eu normalmente apresento, por exemplo, "vamos construir uma casa, são precisos x €", esta é a conta, e depois apresento as faturas, os materiais, fotos da casa.

AC: Se for preciso, nós depois deixamos escrito o teu endereço aqui.

PQ: É tudo pelas redes sociais, porque eu não tenho uma associação, eu não tenho um site. É tudo feito de forma muito humana, com as mãos, e verdadeira, com coragem e transparência. E isso são os fatores e os princípios sempre importantes.

AC: Pedro, muito obrigada por teres vindo aqui Sismar connosco. Foi um privilégio ter-te aqui e conhecer uma pessoa tão humana, tão proactiva e com um espírito de missão tão acentuado. Muito obrigada pela partilha. É importante também termos aqui esta visão do pós-sismo, do que é que acontece no terreno, o que é que é preciso fazer. Portanto, há que pensar um bocadinho também nestas tragédias. Acabámos. Muito obrigado aos que nos estão a ouvir, deixem as vossas questões e curiosidades para sismar.spes@gmail.com. E já sabe, encontra este e outros episódios no site da SPES, spessismica.pt, e nas plataformas Spotify, Apple Podcasts, LinkedIn ou Facebook.

MAF: Obrigada, Pedro, por teres estado connosco, pela partilha, por moveres montanhas, literalmente, e dar sentido a tantas vidas, e abraçar este projeto. A todos os ouvintes, espero que consigam também ajudar o Pedro Queirós no seu projeto. Já sabe, mantenham-se alertas e preparados. Obrigada, Pedro.

AC: Obrigada, Pedro.

PQ: Obrigado, Mónica. Obrigado, Alexandra.

(música)

Sismar podcast

Apresentação: Alexandra Carvalho e Mónica Amaral Ferreira

Edição e Sonoplastia: Hugo O'Neill

Créditos de Música:

Paténipat, Charlotte Adigéry

Sinais, Clã